



O DESBRAVADOR

ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL «SANTA MARIA»



ANO 4

DEZEMBRO 83

NÚMERO 48

Escrevem os leitores

"Aprecio o jornalzinho, embora não o receba constantemente. Traz matéria sólida, princípios católicos e limpidez na doutrina da Santa Igreja."

Padre Benedito A. Jahnel
Jundiá - SP

"Ao responsável pela divulgação do Desbravador, peço-lhe a gentileza de enviar-me este jornalzinho que nos traz muitos conhecimentos religiosos. Tomei conhecimento do Desbravador, através de um amigo da Congregação Mariana."

Moacyr Nunes Filho
Campos - RJ

"É a primeira vez que leio "O Desbravador. Minha irmã mudou-se para São Paulo e o jornalzinho continua chegando, li e gostei. Queria recebê-lo também. Aqui vai uma pequena contribuição para que continue sua caminhada..."

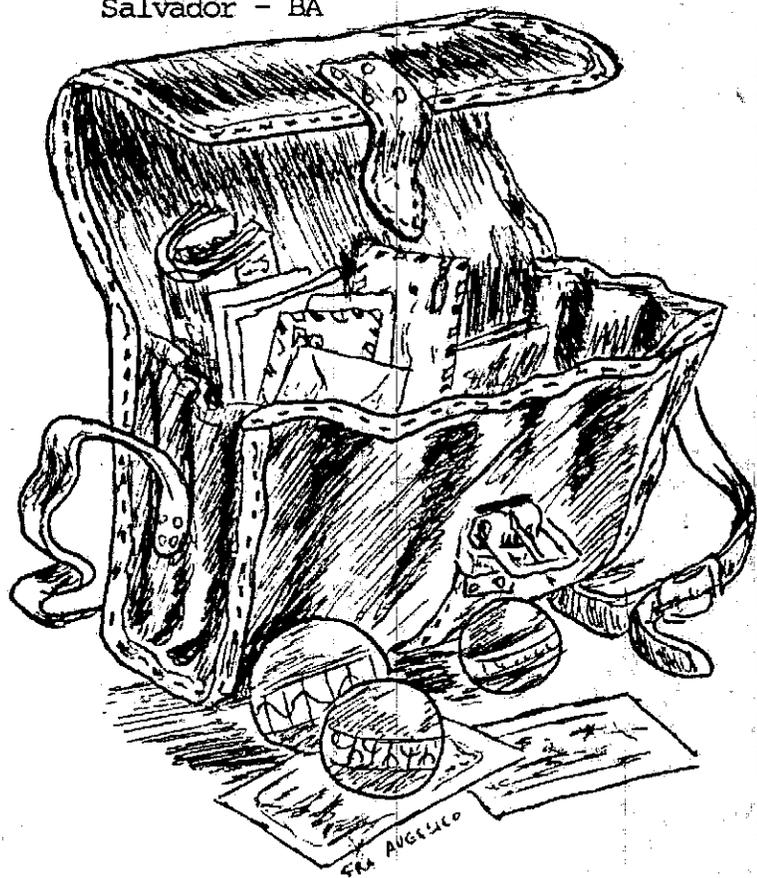
Adilson Patriarca
Borrazópolis - PR

"Estou escrevendo para comunicar que mudei de endereço. Eu agora resido em outro estado, mas gostaria que uma pessoa de minha família continuasse a receber este importante jornalzinho. Aproveitei ainda para enviar uma simbólica contribuição..."

Fausto George J. Da Rolue
São Paulo - SP

"Através de um amigo, leitor de "O Desbravador" o conheci e descobri a grande riqueza que nele existe. Leio todos os meses e senti grande desejo que outras pessoas também o fizessem. Caso seja possível enviar, seguem anexo endereços que creio uma leitura como esta fará grande bem...Rogo à Santíssima Virgem que nos faça fiéis seguidores do Seu Divino Filho e do seu Santo Rosário..."

Irmã Maria Madalena
Salvador - BA



O DESBRAVADOR
ORGÃO DO GRÊMIO CULTURAL "SANTA MARIA"

DIRETOR:
MESSIAS DE MATTOS

ASSISTENTE DE DIREÇÃO:

ANSELMO LÁZARO BRANCO

SUPERVISÃO GERAL:

CARLOS AUGUSTO VIEIRA

SECRETARIA:

MIHAILO MILAN ZLATKOVIC
MAURO TAKESHI ENDO

REDAÇÃO:

JOSE HENRIQUE DO CARMO
HERIBALDO CARDOSO DE BARROS
SAVIO FERNANDES BEZERRA
SÉRGIO BORGES F. MOLINARI
MARIA DO CARMO RUFINO

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA:

CAIXA POSTAL 6416
01000 - SÃO PAULO - SP

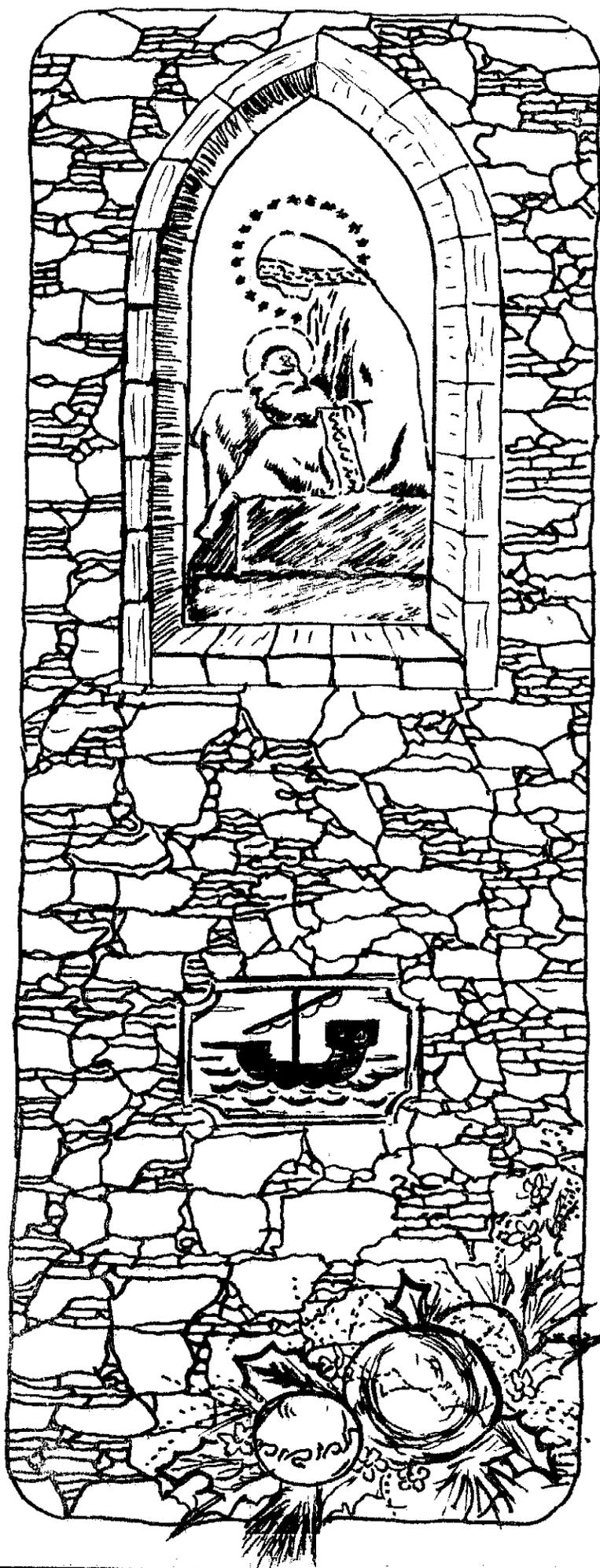
EXPEDIÇÃO:

VALMIR DE CASTRO
LAURINDO GONÇALVES
JORGE CARDOSO DE BARROS
JORGE A. ORIS DE ROA
JOSE TEIXEIRA DA SILVA

COMPOSIÇÃO:

ESTUDIO "FRA ANGÉLICO"

UMA JACULATÓRIA QUE REPITAMOS CEM VEZES COM DEVOÇÃO, TEM MAIS VALOR DO QUE CEM ORAÇÕES DIFERENTES QUE SÓ DIGAMOS UMA VEZ" (SÃO FRANCISCO DE SALES)



EDITORIAL

"Nosso Salvador, amados filhos, nasceu hoje; alegremo-nos. Não pode haver tristeza quando nasce a Vida...

Ao chegar a plenitude dos tempos, fixada pelos insondáveis desígnios divinos, o Filho de Deus assumiu a natureza do homem para reconciliá-lo com o seu Criador, de modo que o demônio, autor da morte, fosse vencido pela mesma natureza que ele antes vencera. Esse combate travado por nossa causa realizou-se com grande e admirável equidade; o Senhor Todo Poderoso lutou contra o inimigo cruel, não em Sua Majestade, mas em nossa humil. de condição, opondo-lhe a mesma forma e a mesma natureza que a nossa, igualmente mortal, porém imune de todo pecado...

Este nascimento único nada de veu à concupiscência da carne, nada da condição de pecado se comunicou a Ele. É escolhida uma Virgem da estirpe real de Davi para trazer em seu seio essa Santa Descendência, a Criança Divina e humana..

Amados filhos: demos graças a Deus Pai, por Seu Filho, no Espírito Santo; pois, na imensa misericórdia com que nos amou, compadeceu-se de nós; e como es távamos mortos por nossos pecados, fez-nos reviver com Cristo para que fôssemos nEle uma nova criação, nova obra de suas mãos. Despojemo-nos portanto do velho homem com seus atos; e tendo sido admitidos a participar do nascimento de Cristo, renunciemos às obras da carne. Toma consciência, ó cristão, de tua dignidade, e já que participaste da Natureza Divina, não voltes aos erros de antes por um comportamento indigno de tua condição. Lembra-te de que cabeça e de que corpo és membro.

Recorda-te de que foste arrebatado ao poder das trevas, e levado para a luz e o Reino de Deus. Pelo Sacramento do Batismo te tornaste o templo do Espírito Santo. Não expulse com más ações tão Grande Hóspede, não recaias sob o jugo do demônio, porque o preço de tua salvação é o sangue de Cristo":

(São Leão Magno, primeiro sermão de Natal)

"Ó Menino meu divino, eu te vejo aqui a tremer; Ó Deus Bendito, quanto te custou me ter amado" (Santo Afonso Maria de Ligório)



O QUARTO REI

NAQUELE tempo - diz a lenda - era uma vez um esquecido rei que ia juntar-se aos três. Com eles em vigília aguardaria ansioso aparecer no céu o sinal luminoso que os guiasse sem erro ao Deus Desconhecido, ao Rei de toda a Terra em Israel nascido. Mas antes de chegar ao ponto combinado, um judeu jaz na estrada onde fora assaltado. Quase um mês passa então a cuidar do ferido, deixando em suas mãos o brilhante escolhido, que destinava ao Rei... E, no lugar marcado, dos outros só encontra este breve recado:

"A estrela apareceu, e foi mister segui-la!"

A fê do pobre mago um instante vacila. Mas logo lembra a voz, quase um gemido, do judeu que o atrasara e havia socorrido:

"Não em Jerusalém nascerá o Messias, mas na humilde Belém, segundo as profecias." Para lá rumou ele, e uma mulher declara vira Jesus na gruta e cantando o adorara, mas logo o pai e a mãe fugiram para o Egito. Falava ainda a mulher e ouve então um grito. Busca a pobre esconder o filho que amamenta, mas já cruel soldado à porta se apresenta. Sem dó invade o lar. O rei toma um rubi, que ele aceita voraz: "Não ha criança aqui!" grita aos que estão lá fora e prosseguem matando. Segue o rei para o Egito ao outro Rei buscando. Vagas informações. Constantes desenganos. Mil estradas em vão percorre anos e anos. Já nem sabe onde está. Caminha aos solavancos. Contam-lhes as aflições tantos cabelos brancos. Ouve o que o povo diz a entrada da cidade:

"Conseguiram prendê-lo, e é uma grande maldade. Sô praticava o bem. Acolhia as crianças. Deixou certa mulher desfazer suas tranças para enxugar-lhes os pés. Ceou com os doze amigos. Foi a consolação de enfermos e mendigos. Ei-lo pregado a cruz que levou sem revolta, a contemplar a mãe, que se juntara à escolta... Hã trinta anos ou mais ele viera à luz, dava-lhe todo o povo o nome de Jesus..."

O mago estremeceu. Era certo o Rei, que ele hã tanto buscava... "Agora eu lhe darei, meu presente real, a pèrola sem jaça que consegui guardar..." Uma menina o abraça:

"Eis que meu pai morreu e nada lhe restava: pretende o seu credor vender-me como escrava. O que morre na cruz jamais o deixaria..."

Tomando o quarto rei a padra luzidia satisfaz o credor. Mas então de repente torna-se o céu de breu, e a terra sente um íntimo tremor que todo solo abala. Em meio a multidão o pobre ancião resvala, e a jovem, que salvou, sobre ele se desbruga.

"Eis que chego onde estás (o pobre rei soluça), mas sem rubi algum, sem pèrola ou safira!"

Pensa consigo a moça: "Arde em febre e delira..."

E diz ainda o ancião. "Morro sem contemplar-te, a ti a quem busquei sozinho em toda parte..."

Ouve-se então a voz. "Os teus dons recebi: a pèrola sem preço, e a anetista e o rubi... Tu, que não viste a estrela, e na fê caminhaste, fecha os olhos em paz: três vezes me encontraste. Não me viste no berço e nem mesmo na cruz... Venho buscar-te agora envolto em minha luz!"

"Honrar os Santos sem os imitar, é lisonjeálos de modo mentiroso"

Santo Agostinho



MORREU O NATAL?

Morreu o Natal autêntico? Com um pouco de exagero poder-se-ia dizer que sim. Morreu na alma metalizada de tantos milhões de homens. Morreu até em certos presépios que nos exibem a Sagrada Família com os traços e a fisionomia desfigurados pela arte moderna e com conotações que induzem à revolução social.

Mas se há algum exagero em dizer que o Natal morreu, é verdade que alguns lampejos de vida ele ainda conserva: Vamos à procura deles.

Encontrá-los-emos antes de tudo e borbulhantes no próprio fato de ser dia de Natal. Cada festa do calendário litúrgico traz consigo uma efusão de graças peculiares. Queiram ou não queiram os homens, a graça lhes bate às portas da alma, mais, mais sublime, mais meiga e mais insistente nestes dias de Natal.

Deus, ei-lo inexorável e ao nosso alcance, feito homem como nós, tendo junto de si a Mãe Perfeita. Mãe dEle mas também nossa. Por meio dEla, até os piores pecadores tudo podem pedir e esperar. Ali também está São José, o varão sublime que reúne em si a maravilhosa antítese das mais diferentes qualidades. É príncipe da casa de David e é também carpinteiro. É defensor intrépido da Sagrada Família. Mas, ao mesmo tempo, é Pai

terníssimo e esposo cheio de afeto. Esposo perfeito, é entretanto o esposo castíssimo daquela que foi sempre Virgem. Pai verdadeiro, entretanto não é pai segundo a carne. Modelo de todos os guerreiros, todos os príncipes, todos os sábios e todos os trabalhadores que, no futuro, a Igreja engendraria nesta terra para o Céu, ele não foi principalmente nada disso. Os seus títulos mais altos são dois: pai de Jesus, esposo de Maria. Títulos pequeninos e imensos, que ao mesmo tempo, paradoxalmente, pulverizam e comunicam vida, não breza e esplendor a todos os títulos da terra.

Os pastores ali se apresentam em amável intimidade com os animais...bem como com Nossa Senhora, São José e o Próprio Menino Jesus. É a imagem comovedora de Deus excelso, que leva a irradiação de sua grandeza ao extremo de tocar e elevar até ao que há de mais humilde e pequeno entre os homens. Que, não contente com isso, atrai e cobre de bênçãos até as criaturas irracionais.

Ao contemplar isso, nossas almas crispadas se distendem. Nossos egoísmos se desarmam. A paz penetra em nós e em torno de nós. Sentimos que em nosso vizinho algo também está enobrecido e dulcificado. Florescem os dons de alma. O dom do afeto. O dom do perdão. E, como símbolo,

"Aquele que teme o mundo jamais cumprirá coisa digna de Deus; porque a obra de Deus não se pode fazer sem que o mundo se revolte"

Santo Inácio de Loyola



a oferta delicada e desinteressada de algum presente.

Para que nada falte, o irmão corpo - como dizia São Francisco - também tem sua parte na alegria. Feita a oração junto ao presépio, sentam-se todos à mesma mesa. Come-se sem comilança. Bebe-se sem embriaguês. É a festa em que brilha a alegria de se ter Fê, de se ter virtude.

Alegria de Natal? Sim. Mas muito mais do que isto. Alegria dos 365 dias do ano, para o católico verdadeiro. Pois na alma em que, pela graça, habita o Salvador, esta alegria dura sempre e jamais se apaga. Nem a dor, nem a luta, nem a doença e nem a morte elimina. É a alegria da Fé e do sobrenatural. A alegria da ordem sacral.

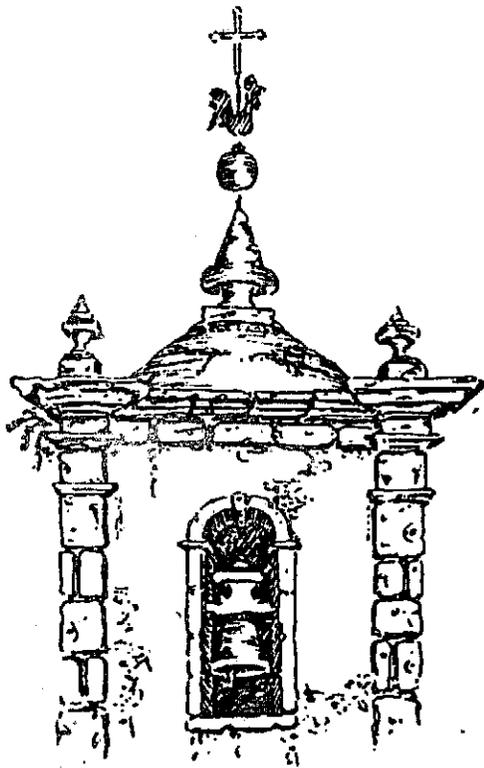
Ó vós que andais pelo caminho, parai e vêde se há uma dor semelhante à minha, exclamou Isaias, profeta, antevendo a Paixão do Salvador e a compaixão de Ma-

ria. Mas ele também poderia ter dito, profetizando as alegrias cristãs perenes e indestrutíveis que o Natal leva a seu auge: Ó vós que passais pelo caminho, parai e vêde se há alegria semelhante à minha!

Ó vós que viveis cupidamente para o ouro, ó vós que viveis tolamente para a vanglória, ó vós que viveis torpemente para a sensualidade, ó vós que viveis diabolicamente para a revolta e para o crime: parai e vêde as almas verdadeiramente católicas, iluminadas pela alegria do Natal. O que é a vossa alegria comparada à delas?

Não vêde nestas palavras provocação nem desdém. Elas são muito mais do que isto. São Um convite para o Natal perene que é a vida do verdadeiro fiel: "Christianus alter Christus" - o cristão é outro Cristo.

Não, não há alegria igual. Até mesmo quando o católico está, como Jesus Cristo, Nosso Senhor, cravado na cruz.



GUSTIN, EL SINERO DE DIÓS

Estava escuro, e ventava muito. E a escuridão e o vento eram mais duas dificuldades que o menino deveria enfrentar. Havia também o musgo que crescia por fora da torre do campanário e onde os pés dos calços escorregavam, tornando a subida ainda mais dura. E havia peso dos dois enormes martelos que ele levava amarrados na cintura. O menino se sentia cansado, mas continuava a subir. Pouco faltava para alcançar a janela das sala dos sinos. Parou um instante para descansar.

Como era bonita a sua aldeia vista do alto! "No habia no mundo pueblo más lindo", pensava o pequeno Gustin. Pena que fosse noite...

* * * * *

Era noite na Catalunha, era noite na Espanha. Findava o ano de 1936, e o comunismo havia dominado toda aquela parte do país. Milhares de católicos haviam sido martirizados, e as igrejas transformadas em garagens, estrebarias, casas de perdição. Na catolicíssima Espanha era noite de Natal. Mas desta vez não haveria missas nem festejos: Deus havia sido expulso da Catalunha, e por ordem do comunismo os sinos estavam proibidos de cantar.

* * * * *

Gustin penosamente continuava a subir. Afinal suas mãos se prenderam ao peitoril da janela, guindando o seu pequeno corpo para o interior. Embora exausto, Gustin não se sentou para descan-

sar. Respeitosamente ajoelhou-se voltado para um canto da sala dos sinos, e disse:

- "Mis saludos, Señor! Peço-lhe perdão pelo atraso, mas estes martelos foram difíceis de carregar..."

A um canto da sala, sobre uma mesa revestida de uma toalha de linho que houvera sido do altar, estava um resplandecente cibório. E dentro dele, todo branco em seu berço de ouro, estava o Nivino Menino Jesus sob as sagradas espécies do Santíssimo Sacramento do Altar.

* * * * *

Nos belos dias anteriores à chegada dos "perros vermelhos", Gustin via em uma casinha à sombra do campanário. Seu pai era sacristão da igreja, e desde que tivera forças para isso, era Gustin quem fazia os sinos tocar. Como ele amava tocar os sinos, chamando o povo à oração! Como ele se entusiasmava com as aulas de catecismo do padre Gonzalez, preparando-o para a primeira comunhão!

Agora tudo findara... Os vermelhos retiraram os badalos dos sinos e invadiram a igreja. O padre Gonzalez e seu pai foram os primeiros a serem assassinados pelos pelotões de execução... E Gustin a tudo assistira ali de cima para onde levava o cibório afim de o livrar da profanação. Foi abraçado ao Menino do Sacrário que êle presenciou o martírio de seu pai e do padre Gonzalez...

Se ao menos os vermelhos tivessem demorado mais uma semana! Seu pai e

"Nascimento novo, pois foi concebido por uma Virgem e nasceu de uma Virgem sem a intervenção de um homem, sem prejuízo da integridade da Mãe" (São Leão Magno)



o vigário teriam sido mortos da mesma forma, pois um verdadeiro espanhol não perderia uma tão boa oportunidade para derramar o seu sangue por Deus... Mas então Gustin já se teria confessado, poderia comungar, e o "Niño" Jesus não precisaria ficar naquela torre empoeirada, passando tanto frio...

Pobre Gustin! Ele não ousava comungar, e bem sabia porque: sua alma não estava tão branca quanto o branco Jesus... Aqueles jogos de bolas de gude em que êle havia trapaceado, e bem ali na praça, em frente à casa do Bom Deus... Aquilo havia sido bem grave, e não se recebe o Menino Jesus com a alma assim...

Mas mesmo um pecador como êle poderia fazer algo por Deus. Poderia, por exemplo, proclamar a toda a aldeia que era a noite de natal, e que todos deveriam rezar. Ah, isso êle poderia fazer!

Gustin sentou-se a cavalo na grande trave entre os dois sinos. Empunhou um martelo em cada mão, ergueu-os bem alto e gritou ao Menino Jesus:

"Señor, este es mi presente de Natal!"

E descarregou os martelos com força, fazendo os sinos vibrarem, e a torre tremer.

* * * * *

O capitão Perrón, do Terceiro Exército Proletário Socialista, era um homem tão feio que parecia ainda mais feio. Era ruim, ímpio, debochado e ateu. Fôra êle quem pessoalmente comandara o fuzilamento do vigário. E naquela noite, para gozar o seu triunfo, ordenara uma grande festa na - quele salão que fora outrora a igreja da aldeia. Erguendo uma caneca cheia de vinho ordinário, êle agora propunha mais um brinde ao bando de soldados bêbados:

"-À revolução socialista! Ao fim do fanatismo, e da superstição!"

Todos beberam, entre gargalhadas. E ainda tinham a caneca nos lábios quando, bem sobre suas cabeças, os sinos da igreja começaram a tocar.

* * * * *

Confusão. Pânico. Horror. Ódio. O capitão gritava ordens raivosas enquanto as cadeiras caíam e a mesa era derrubada pelos soldados apalermados:

"-Cerquem a igreja! Matar quem está puxando as cordas!"

"-Mas não há cordas, nem badalos!"

"O capitão Perrón era um homem tão feio que parecia ainda mais feio..."

- "Arrombem as portas da torre!"

As portas caíram. Lá de baixo, os soldados só viam o vulto dos sinos que tocavam e tocavam...

- "Tragam luz!"

Trouxeram velas, e perceberam então, lá em cima, os contornos de pés descalços dos dois lados da grande viga. E os sinos tocando, atordoando, enfurecendo...

- "Atirem! Derrubem o miserável!"

Atiraram. Mas o alvo era muito pequeno, e estava muito escuro. As balas se cravavam na viga sem atingir a Gustin, que continuava martelando os sinos;

- "Acordem todos! Nasceu o Menino Jesus! Venham rezar! E rezem também pelo pobre Gustin, que tem um coração tão duro e tão mau..."

E ao Menino Jesus:

- "Señor, me perdoe por vos ter ofendido com aquela trapaca! Cai em uma "tentación", mas estou arrependido! Eu Vos amo, "Señor", eu sou trapaceiro mas Vos amo muito..."

Gritou de dor quando uma bala lhe atravessou o pé. Mas não parou de martelar os sinos, cada vez mais, cada vez mais...

Neste instante, iluminado por uma enorme graça, Gustin, percebeu claramente que os seus pecados não eram graves e não o impediam de comungar...

* * * * *

- "Camarada capitão, nós o acertamos, mas ele não parou!"

- "Ponham fogo na torre!"

- "Ela é de pedra, camarada capitão!"

- "Dinamitem!"

O bimbalar dos sinos fez toda a aldeia acordar.

Pasgando as trevas e vencendo o sono, aquele som bendito abria os olhos, as janelas e os corações: "Então, ainda era Natal! Então, apesar das trevas, o Menino Jesus havia nascido na Catalunha também!" E os olhos se voltavam para a torre, onde Gustin, com as pernas laceras das pelas balas, continuava a martelar:

- "Señor, ele me acertaram. E se Gustin morrer, o Senhor ficará sozinho... a Santa Comunhão será profanada... "Entonces" creio que é melhor eu comungar. Vou pedir à Virgem Santíssima, "mi Madrina", que vos venha receber em meu coração: o Senhor ficará como no presépio, ao lado de Nossa Senhora... "Si Señor, ficará no presépio do meu coração!"

Arrastando-se sobre as vigas e sobre as lages da torre, Gustin tomou o Menino de seu berço de ouro, e fez a sua Primeira Comunhão. Mas os sinos não cessaram sua música: os tiros, vindos agora da praça, ricocheteavam neles, e os tangiam num contínuo repicar...

* * * * *

Despontou nos céus da Catalunha a alvorada de mais um Natal. E os primeiros raios do sol vieram para dourar a torre da igreja, que subia muito firme e muito bela, levando aos céus o pequeno Gustin, durante a ação de graças de sua primeira comunhão...



"É em vão que nos chamamos cristãos, se não imitamos a Jesus Cristo"
São Ieão Magno



SEU PRESENTE...

Para a maior parte das pessoas as festas natalinas estão associadas à entrega de presentes. Eis aí uma coisa que muitos gostam de receber, mas não sei se todos apreciam dar. Uma coisa posso afirmar: no mês de dezembro, eles são dados em profusão.

Seja por mero costume, seja por imitação eles são ofertados largamente.

Todos gostam de receber presentes. Mas na hora de dá-los, olham o preço, põe a mão no bolso e logo desistem.

Nós aqui de "O Desbravador", que apreciamos as tradições cristãs, não queremos deixar de ofertar aos leitores o nosso presente.

Não é um gordo "bolo" de notas de "Castelos" que lhe oferecemos, por outro lado não é também nada de material aquilo que nós queremos ofertar aos nossos amáveis leitores.

Os presentes materiais certamente vocês receberão dos parentes e amigos.

Nossa doação a você é algo de bem diferente: é um conselho, consistente

na busca da graça, no abandono do pecado, no começo de uma nova vida.

Em realidade quem pode lhes oferecer tais regalos não somos nós e sim a Medianeira Universal de todas as graças, Nossa Senhora. Nós apenas, humildemente, lhes indicamos, lhes pedimos, lhes suplicamos que se acerquem do Canal da graça que é Maria, que lhes pode ofertar o grande dom que é viver na graça de Deus, na sua incomparável amizade.

Como vocês vêem, o nosso presente é simples, é um mero conselho para que peçam a Maria Santíssima a graça de não ofender mais a Jesus e para isso, vocês presenteiem ao Deus Menino com o grande presente de uma confissão arrependida de vossos pecados ao sacramento, para que, limpos de alma, façam desse Natal o início de uma vida reta e santa.

Senhora minha, uma vez foste responsável pela vinda das Graças do Natal. No vamente vos peço que as traga até nós.

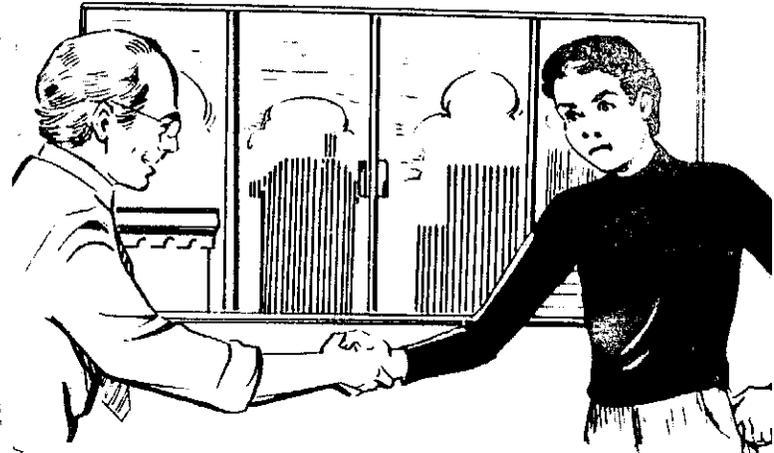
Minha Mãe, dai-me um Santo Natal, um Natal de desapego a tudo, menos a vós e a vosso Divino Filho.

UM NATAL DIFERENTE



Paulinho é um jovem adolescente de seus 14 anos. Filho de um próspero negociante, tem uma vida repleta mas ao mesmo tempo vazia. Assim em sua casa não faltam nenhum dos jogos e diversões modernos: piscina, quadra, mesas de jogos, até os moderníssimos e deformantes telejogos. Mas, por outro lado, sua vida não para aí, a cada fim de semana duas ou três festas ocupam o seu tempo. Numa semana é o aniversário de um amigo de seu pai, noutra uma festa de quinze anos da filha de um industrial, noutra a inauguração de mais uma fábrica de seu pai, em suma seu tempo está sempre tomado.

Mas, como o dissemos, sua vida é vazia. Ele tem "tudo", e entretanto não tem nada. Não tem amizades verdadeiras, somente pessoas ligadas a ele pelo interesse material; não tem um ideal pelo qual possa dedicar a sua vida; e não tem, acima de tudo, Deus Nosso Senhor, única e verdadeira razão de ser de nossa existência. E, sem o saber exprimir, e ele sente isso, ele almeja por algo de maior, por algo que possa dedicar sua existência.



Aproximando-se o Natal, ele está sobremaneira entediado. Desta forma, já está programada uma ceia de Natal na residência do sócio de seu pai. Mais uma vez vai ouvir dizer "feliz Natal", sem que as pessoas que dirão isso saibam o que estão dizendo. Mais uma vez terá na mesa as iguarias e as bebidas mais sofisticadas, mais uma vez receberá um caro presente, e mais uma vez ficará frustrado, pois ali não estará o Senhor do Natal, Nosso Senhor Jesus Cristo. Isso, Paulinho sabe bem, pois ouviu sua mãe contar que há uns vinte anos atrás as coisas eram diferentes. Na aquele tempo ela era uma católica praticante e tinha oportunidade de assistir maravilhosas Missas do galo, ao som do canto gregoriano.

Apesar de sua mãe ter abandonado a prática religiosa ela soube transmitir ao jovem o aspecto maravilhoso dos Natais que viveu, e ele sente desejo de que ele também pudesse ter um Natal católico. Mas como? Como achar a graça divina no meio de pessoas que vivem no pecado? Como encontrar o calor cristão, longe da Igreja Católica?

"Assim como a luz visível causa prazer aos olhos sãos, é uma alegria perene para os corações puros o nascimento do Salvador" (São Leão Magno)

Chegou a véspera do Natal e uma notícia veio modificar os planos da família de Paulinho: seu pai, inesperadamente, teve que viajar a negócios, levando sua mãe. "Menos mal", pensou o rapaz, "pelo menos, não terei de enfrentar o fingimento dos amigos de papai", "pelo menos não receberei presentes dados por mero interesse". E ele resolveu ficar em casa lendo um pouco.

Depois de ler alguns livros de aventura, Paulinho foi à instante e encontrou um antigo missal usado por sua mãe. E procurou justamente o texto das Missas de Natal. Ele

ficou maravilhado, desta forma leu: "Ó Deus que fizestes brilhar esta noite santíssima com o clarão verdadeira Luz, concedei-nos que, após termos conhecido na terra essa Luz Misteriosa.

"Sim, justamente é Esta Luz que está faltando em minha vida", pensou o jovem, "Senhor, mostrai-Vos a mim", rezou ele.



"Meu Deus, iluminai-me", continuou. Indo adiante em sua leitura ele deparou com o seguinte texto: "Alegram-se os céus e rejubile-se a terra diante do Senhor, porque Ele chegou". Nesse instante Paulinho viu porque vivia tão frustrado, porque um vazio tomava conta de sua existência, porque no meio de tantas festas e diversões uma enorme tristeza inundava seu coração. Em sua vida faltava Nosso Senhor Jesus Cristo. Por um lampejo da graça, ele notou que somente Deus pode levar nossa existência à sua plenitude. A leitura dos trechos do Evangelho de duas Missas de Natal completou a claridade que faltava em sua alma. Primeiramente, ele leu o episódio que mostrava o nascimento do Salvador e o anúncio do Anjo aos pastores de Belém. No segundo texto, ele leu a respeito da visita dos mesmos pastores ao Deus Menino e lhe chamou a atenção a frase que dizia: "Maria conservava todas estas coisas, meditando-as no seu coração". Ele então resolveu recorrer a Nossa Senhora, para que Ela o levasse a Jesus. Rezou nessa intenção uma Ave-Maria.

Mal acabara de rezar, e já estava descendo as escadas de sua casa e se dirigindo à capela do hospital vizinho. Ela estava vazia, somente a luz do Sacrário iluminava o local, mas sua alma estava repleta de luz. De joelhos, diante de Jesus Sacramentado, ele tomou a resolução de presentear a Jesus, dando-lhe o seu amor, não o ofendendo mais e de servi-lo, na forma que Ele indicasse.

Seu coração estava pela primeira vez na vida feliz. Por intermédio de Maria Santíssima, Jesus nascera em sua alma juvenil.

Amáveis leitores:

Que neste Natal a Santíssima Virgem os faça honrar com santo e sincero culto o mistério sagrado e divino da renovação dos homens. Acolham com amor Cristo que nasce em nossa carne, para que mereçam vê-lo como Deus da glória reinando em sua majestade.

" Só aquele que ama a Deus possui a verdadeira paz de alma. "

São Tomas de Aquino